

O cotidiano da exclusão: uma análise das tensões sobre a participação das mulheres no futebol do Rio de Janeiro (1903-1920)

The everyday life of exclusion: an analysis of the tensions surrounding women's participation in football in Rio de Janeiro (1903-1920)

Glauco José Costa Souza

Instituto Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil
Doutor em História, UFF
glauco.josecosta@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar elementos discursivos de parte da imprensa brasileira que nos ajudam a elucidar tensões existentes sobre a participação das mulheres no futebol nas duas primeiras décadas do século XX. Para tanto, analisaremos alguns argumentos diretos e/ou indiretos apresentados em dois periódicos de abrangência nacional (*Gazeta de Notícias* e *Jornal das Moças*) durante o período de 1903 a 1918 que abordaram a temática da participação feminina nos esportes. Temos como base de análise a perspectiva de que concomitante ao desenvolvimento e à expansão do esporte bretão entre os homens, também houve o interesse feminino em praticá-lo e, como muitas pesquisas já comprovam, isso aconteceu. Não obstante, predominou sua vedação oficial ao final deste processo e, neste trabalho, buscamos apresentar elementos que explicam como tal cenário foi construído por meio da imprensa da época, cuja influência era grande na sociedade republicana, sobretudo no Rio de Janeiro, então capital federal do país.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mulheres; Brasil; Rio de Janeiro; República.

ABSTRACT: This article aims to present discursive elements from part of the Brazilian press that help us to elucidate existing tensions regarding women's participation in football during the first two decades of the 20th century. To this end, we will analyze some direct and/or indirect arguments presented in two nationally circulated periodicals (*Gazeta de Notícias* and *Jornal das Moças*) during the period from 1903 to 1918 that addressed the theme of female participation in sports. Our analysis is based on the perspective that, concomitant with the development and expansion of football among men, there was also female interest in practicing it, and, as many studies have already proven, this did happen. Nevertheless, its official prohibition prevailed at the end of this process, and in this work, we seek to present elements that explain how this scenario was constructed through the press of the time, whose influence was great in republican society, especially in Rio de Janeiro, then the federal capital of the country.

KEYWORDS: Football; Women; Brazil; Rio de Janeiro; Republic.

INTRODUÇÃO

A chegada do futebol ao Brasil foi masculina. Não existem (ou ao menos este pesquisador desconhece) narrativas baseadas em fontes científicas que tenham as mulheres como praticantes do ludopédio antes dos homens, o que, por si só, já gera um cenário bastante complexo, pois tal discurso foi construído e apropriado pelos memorialistas e, posteriormente, historiadores que o endossaram e, na atualidade, ainda não dispomos de fontes para desestruturá-los. Não obstante, isso não nos impede de debater a participação feminina no esporte bretão desde os seus primórdios no território brasileiro, em especial no Rio de Janeiro, capital federal da República.

Dessa forma, temos no presente trabalho o objetivo de apresentar argumentos construídos ainda nas décadas de 1900 e 1910 que podem ser percebidos no decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941 que, proibiu do ponto de vista jurídico-legal, as mulheres de praticarem o futebol. Segundo este ordenamento, em seu artigo 54 que pertence ao Capítulo IX – Disposições gerais e transitórias, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.¹ A justificativa, portanto, é a suposta “natureza feminina” que seria incompatível com a prática dos desportos, algo que não era incomum de ser salientado naquele período e que já vinha sendo utilizado como tal desde o início do século XX.

Para tanto, nós optamos por analisar alguns discursos produzidos nos periódicos *Gazeta de Notícias* e *Jornal das Moças* durante a Primeira República (1889-1930), mais especificamente entre os anos de 1903 e 1918. Estes dois órgãos de imprensa sediados no Rio de Janeiro apresentaram matérias ao longo desse período em que tratavam da relação entre o futebol e as mulheres da sociedade brasileira que nos permitem refletir acerca do tema, sobretudo em relação aos mecanismos que viam com maus olhos a participação ativa feminina, mas não exclusivamente isso. Temos também indicativos de que meninas jogavam o ludopédio o que, em nossa concepção, explica a existência de tantos discursos contra a sua participação.

¹ BRASIL decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

Aliás, também não podemos renunciar no presente trabalho em analisar a produção bibliográfica sobre o tema. A historiadora Mary Del Priore considera que houve, a partir dos anos 1970, um aumento nos trabalhos sobre a história das mulheres no Brasil e credits isso a “uma longa empreitada de historiadoras (e historiadores, eventualmente) tributária do movimento feminista, que desde os anos 70 vêm procurando dar visibilidade à mulher, ignorada pela historiografia tradicional”.² Portanto, não podemos desconsiderar esse avanço como será feito a partir dos trabalhos de Bonfim,³ Silva e Soares,⁴ Melo,⁵ Moraes e Martelli,⁶ Almeida,⁷ Santos⁸ e Pessanha.⁹

AS MULHERES NA PRIMEIRA REPÚBLICA

A Primeira República Brasileira, em termos cronológicos e didáticos, durou consensualmente para a maior parte da historiografia sobre o tema, de 15 de novembro de 1889 a 3 de outubro de 1930 e, não apenas como coincidências, mas em muito como consequências dos processos históricos que a envolveram, teve seu início e seu fim marcado por golpes de Estado liderado por homens, o que assinala muito do autoritarismo protagonizado pelo gênero masculino na história do Brasil. Tal situação acaba sendo corroborada não só pela ausência ativa atribuída à presença das mulheres na transição do período imperial para o regime republicano, como pelas legislações criadas a partir de então.

O projeto de moralização da sociedade brasileira nas décadas iniciais do século XX incluía a formação de uma nova figura do trabalhador: dócil, submisso, mas economicamente produtivo. Através de múltiplas estratégias de disciplinarização – exercidas dentro e fora das fábricas – era

² DEL PRIORE. *História das mulheres no Brasil*, 1997.

³ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*, 2019.

⁴ SILVA; SOARES. *O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas*, 2013.

⁵ MELO. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910), p. 127-152, 2007.

⁶ MORAES; MARTELLI. *Jornal das Moças: as enunciações midiáticas e a noção de gênero e imaginário feminino no século XX*, p. 1-19, 2017.

⁷ ALMEIDA. *Jornal das moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*, 2008.

⁸ SANTOS. *A representação da mulher na revista feminina Jornal das Moças durante a primeira metade do século XX*, 2019.

⁹ PESSANHA. *Arquibancada feminina: relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro*, 2020.

mister integrar o proletariado e sua família ao universo dos valores burgueses. “É o desejo de eliminação da diferença, de normalização do outro, que se coloca como motivação primeira das investidas do poder sobre a classe operária fora das fábricas” (Rago, 1985, p.61). Para tanto, a redefinição da família constitui peça mestra no projeto de normatização da sociedade. Nesse sentido, era tarefa urgente criar um modelo imaginário de mulher, voltada para a intimidade do lar, e também um cuidado especial com a infância, redirecionada para a escola ou os institutos de assistência social.¹⁰

Assim, em torno da moral de uma idealização sobre a formação de um suposto modelo de família brasileira, foram erguidas diversas argumentações das mais variadas fontes a fim de vincularem a mulher brasileira a uma determinada posição social. Por exemplo, as ciências médicas e biológicas lhes vincularam aos aspectos afetivos, maternos e frágeis. As ideias positivistas e higienistas, bem como a Teoria Evolucionista, deram as bases pseudocientíficas à época que consideravam “a diferença biológica entre os sexos como uma justificativa para as desigualdades sociais e culturais entre homens e mulheres”,¹¹ mas que, por mais contraditório que possa parecer, não tornava os agentes sociais homem e mulher como sujeitos opostos, pois eles eram vistos como complementares. Em 1925, Moncorvo Filho, médico higienista, assim discursou no Dia das Mães:

O homem tantas vezes amando a sangueira – guerras, revoluções, crimes e vícios – nem sempre é o animal dócil, meigo e cordato que fôra para desejar. A mulher, quase sempre bondosa e meiga – pensamento inclinado para o Bem – com encantadora meiguice olhos fitos nos filhos, prodigalizando-lhes o carinho, o afago, a educação e os bons sentimentos, não raro se constitui um verdadeiro anjo do lar!¹²

A naturalização da inferioridade e submissão da mulher era, portanto, uma regra imposta socialmente, ainda que este processo fosse alvo de críticas ao ser possível perceber nele uma supervalorização do fator biológico e uma desconsideração proposital daquilo que as tecnologias do gênero valorizariam ao entenderem o corpo sexuado como definidor de representações e identidades e, portanto, uma construção social.¹³ O resultado disso foi a restrição da participação livre e ativa das

¹⁰ SANTOS. A construção do papel social da mulher na Primeira República, 2009, p. 2.

¹¹ SANTOS. A construção do papel social da mulher na Primeira República, p. 5.

¹² MONCORVO FILHO. O Dia das Mães: conferência realizada em 12 out. 1925 no Instituto Nacional de Música (extraída dos Archivos de Assistencia a Infancia).

¹³ SWAIN. A invenção do corpo feminino ou a hora e vez do nomadismo identitário?, 2000, p. 51.

mulheres na sociedade brasileira da Primeira República, tal qual pode ser verificado em diversos segmentos, como no mercado de trabalho.

O fim do trabalho escravo alterou de sobremaneira a história social laboral no Brasil, mas os limites deste processo são passíveis de análise crítica, sobretudo no que tange às suas consequências para os anos seguintes. Temos por consenso entre os pesquisadores do tema que a Lei Áurea por si só pouco ou quase nada alterou sobre a realidade dos a partir dos então trabalhadores e trabalhadoras libertos.

Os mundos do trabalho republicano, portanto, não apresentam grandes possibilidade de ascensão em termos sociais para os menos abastados, nas questões raciais para os negros e, no que tange ao gênero, para as mulheres, tal qual já o era antes da Lei Áurea e do golpe impetrado pelo Marechal de Deodoro da Fonseca. O que prevaleceu, a partir de então, sobretudo no Rio de Janeiro, foi um discurso civilizacionista de urbanização baseado em postulados pseudocientíficos, mas que em muito trazem elementos segregacionistas em termos socioeconômicos, raciais e de gênero. Sueann Caulfield, em estudos sobre “os vários sentidos da honra sexual para diferentes sujeitos históricos”.¹⁴ na então capital federal do país, argumenta que o novo ordenamento jurídico tratava de forma desigual homens e mulheres, beneficiando os primeiros, pois o Código Penal de 1890 nasceu com “as mesmas preocupações em manter, de uma forma ‘modernizada’, a instituição patriarca da família e o conceito de honra baseada nas relações de gênero que lhe davam sustentação”.¹⁵

Ainda de acordo com Caulfield, a construção da “Cidade Maravilhosa” foi permeada pela defesa dos valores da família, assim entendida como um “setor privilegiado, que se identificava com a ‘sociedade respeitável’ – mais civilizada, mais europeia culturalmente e racialmente que ‘as massas populares’”.¹⁶ Neste ponto, a autora dialoga com Sidney Chalhoub.¹⁷ que destaca a influência europeia neste mesmo processo sobre as transformações geográficas, sociais e culturais que ocorriam no Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX, em que a concepção de modernidade

¹⁴ CAULFIELD. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940*, 2000, p. 118.

¹⁵ CAULFIELD. *Em defesa da honra*, p. 119.

¹⁶ CAULFIELD. *Em defesa da honra*, p. 123.

¹⁷ CHALHOUB. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, 1998.

era baseada em quatro elementos centrais: administração científica, civilização, organização e embranquecimento.

As políticas implementadas em nome da higiene social e de saúde pública, como as campanhas que combatiam a utilização das amas-de-leite, as que impunham regras de higiene ao serviço doméstico e ao ofício das lavadeiras, as que regulamentavam o carnaval e outras atividades públicas de lazer, as tentativas de punir os crimes sexuais e de controlar a prostituição, tinham o suposto objetivo de pôr fim a uma “mistura promíscua”, segregando os espaços públicos dos privados e estabelecendo um controle sobre ambos a cargo de uma elite de profissionais liberais – homens e, em geral, brancos.¹⁸

GÊNERO, CLASSES SOCIAIS E ESPORTES NO RIO DE JANEIRO DURANTE O INÍCIO DO SÉCULO XX

A primazia do homem hétero, branco e pertencente à elite carioca também se fez hegemônica nos esportes do Rio de Janeiro durante o início do século XX. O desenvolvimento do futebol carioca, por exemplo, pode ser registrado desde o começo novecentos e acompanhou de perto as dinâmicas da cidade e as formas como foram estabelecidas as relações de sociabilidade, o que limitou bastante a participação ativa e livre das mulheres para praticá-lo. Não obstante, se a partir dos anos 1930 e 1940 (até antes da proibição) podemos observar a organização de equipes de futebol feminino com certa regularidade, isto não as exclui de também tê-lo jogado nos anos precedentes.

A pesquisadora Aira Bonfim nos mostra isto em sua dissertação de mestrado que tem como fontes jornais, revistas, acervos iconográficos institucionais e pessoais. Segundo ela, havia o “envolvimento de diferentes grupos sociais de mulheres que aderiram à prática, em diversos momentos históricos, desempenhando distintos papéis”.¹⁹ e que pode ser visto nos espaços “das festas esportivas, dos picadeiros circenses e dos campos suburbanos do Rio de Janeiro”.²⁰ Victor Melo,²¹ enfatiza que a participação da mulher no universo esportivo sempre ocorreu, mas não nas mesmas funções. No turfe, por exemplo, esporte bastante disseminado no Rio de Janeiro

¹⁸ CAULFIELD. *Em defesa da honra*, p. 125.

¹⁹ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 6.

²⁰ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 6.

²¹ MELO. *Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)*, 2007.

durante o século XIX, a imprensa as colocava como parte do público que acompanhava as corridas de forma bastante animada, bem como também é possível encontrar registros de que atribuem a elas a decoração das arquibancadas. Ao mesmo, também há registros de praticantes desse esporte. Seu lugar, ainda assim, não é como protagonista.

Melo relata que há registros, ainda que em número reduzido, de atletas praticando esgrima, tiro ao alvo, críquete, atletismo, hipismo e até mesmo o remo, outro esporte muito ligado à figura masculina. Embora sejam atividades físicas, o quantitativo de mulheres que o fazia não é suficiente para eliminar a imagem machista das práticas esportivas no início do século XX no Rio de Janeiro, ou seja, a exceção aqui só confirma a regra. Um momento em que tal cenário fica evidente é na participação das mulheres nas festas esportivas. Vistos como momentos de lazer e de confraternização, estes eventos contavam com atividades variadas em que envolviam a participação de crianças. O caráter lúdico e amistoso prevalecia, apesar das premiações e dos destaques dados aos vencedores, sendo, curiosamente, este o momento em que identificamos a participação feminina em grande quantidade no final do século XIX e início do XX.

Em 1916, o *Jornal das Moças*,²² um dos periódicos que buscamos apresentar aqui, nos traz um exemplo dessa participação feminina em jogar o ludopédio. Segundo uma das edições daquele ano, o América Football Club,²³ instituição fundada em 18 de agosto de 1904 no bairro da Saúde, mas que desde 1911 passara a ser sediado na antiga sede do Haddock Lobo Football Club situada na Rua Campos Sales, no bairro da Tijuca, na parte nobre da Zona Norte do Rio de Janeiro, dispunha de pelo menos 5 times de futebol infantil, isto é, formado por crianças e adolescentes, dos quais dois eram compostos apenas por meninas.

²² JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 54, p. 13.

²³ Conf.: <https://americario.com.br/fundacao/>.



1) — MENINOS : Fernando S., Mario R., Léon N. (captain), Nelson L. e Barata.
 2) — MENINAS : Armenia, Wanda, Marília (captain), Nilca e Marina. 3) — MENINAS : Annita,
 Alair, Hilda (captain), Alba e Marília. 4) — MENINOS : Paulo M., Jorge M., Quimquim
 (captain), Dyrceu B. e Robinson. 5) — MENINOS : Leopoldo S., Fernando F., Fernando N.
 (captain), Rubens e Nauro.



Iniciativas como as do América não compunham um universo isolado no primeiro quartel do século XX. Bonfim, por sua vez, pesquisou sobre a tentativa de criação de um time de mulheres em Vila Isabel, no ano de 1912, antes do time americano. Segundo ela, não há fontes que comprovem o sucesso da iniciativa, mas sim indícios que denotam a “existência de um *team* de garotas nas festas esportivas de Villa Izabel”.²⁴

A sociedade esportiva brasileira dos anos 1900 não se mantinha completamente alheia ao debate sobre a participação da mulher no esporte. Um exemplo interessante para isso é o surgimento de jogadores travestido de mulheres em partidas amistosas e ou festivas. Ao mesmo tempo, times formados por jogadoras se exibiam em festivais, como nos bairros do Flamengo e do Catumbi.²⁵ Há, nesse momento, um deslocamento pequeno da mulher que se limitava a decorar as arquibancadas para o campo esportivo, mas ainda assim restrito à excepcionalidade, ao caráter acessório do esporte majoritariamente controlado pelos homens. O Clube de Regatas Vasco da Gama, bastante conhecido junto ao público carioca em 1923, quando se sagrou campeão pela primeira vez na divisão principal da Liga Metropolitana (o atual Campeonato Carioca da 1ª divisão), possuiu um “*team* feminino fundado por torcedoras para

²⁴ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 54.

²⁵ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 54.

disputar o campeonato”,²⁶ mas sem que possamos identificar que torneio seria esse e, principalmente, se houve a sua realização.

Clubes tradicionais dos subúrbios cariocas tinham mulheres jogando futebol, como foi o caso do Brasil F.C e do River F.C, tendo inclusive a presença de jogadoras negras. Bonfim considera que tais ações foram pioneiras no enfrentamento e na exposição do futebol de mulheres para o público, ao mesmo tempo em que observa as barreiras da época sendo erguidas de maneiras cada vez mais fortes. Para os que não concordavam com a prática do futebol de mulheres, a colocavam “como uma ameaça à masculinidade, uma vez que deslocava os papéis sociais da época, como, por exemplo, as obrigações ditas femininas representadas nos desenhos de um bebê e um avental”.²⁷

O jogo de mulheres representantes do Hélios Athletic Club figura-se entre os mais antigos marcos introdutórios do futebol feminino no Brasil, antes mesmo do episódio apresentado em São Paulo, entre Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921. O debate público sobre esportes e mulheres aumentou exponencialmente na década de 1920. Mesmo notícias sobre o futebol de mulheres que acontecia em outros países passaram a ser divulgados pela imprensa nacional já no final da década.²⁸

OS DISCURSOS NA IMPRENSA: OS CASOS DO *GAZETA DE NOTÍCIAS* E DO *JORNAL DAS MOÇAS*

A divulgação de informações na imprensa sobre as práticas esportivas em outros países não era um ato destituído de sentido, haja vista ser ela própria um agente social produtor de discursos próprios.²⁹ Dessa forma, quando, desde o início do século XX, já podemos identificar a inserção de notícias sobre os esportes fora do Brasil, é possível também refletirmos acerca das intencionalidades destes dados e seus resultados, como, por exemplo, a nota de 3 de março de 1903 apresentada no jornal *Gazeta de Notícias*.

NO PAIZ DOS TRUSTS

O feminismo

A mulher yankee reclama o direito e a capacidade de fazer tudo quanto até hoje competia exclusivamente aos homens. Sciencias, sports, officios, tudo é comum aos dous sexos e, provavelmente as prerrogativas politicas também o serão.

²⁶ CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Careta. Rio de Janeiro, p. 16, 1923.

²⁷ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 172.

²⁸ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 64.

²⁹ DE LUCA. *História dos, nos e por meio dos periódicos*, 2005, p. 111-53

Nas Universidades as alumnas são numerosíssimas, formam um terço ou mais do effectivo total. Além disso há uma infinidade de escolas para moças, umas ligadas às universidades como o Radcliffe-college outras independentes. Em Philadelphia há uma escola de medicina destinada unicamente a estudantes do sexo feminino.

As alumnas de todos os ramos em geral entregam-se a exercícios sportivos com o mesmo furor que os alunos. Só o football é substituído por ellas pelo basket-ball; o mais, o rowing, a natção, o golf, o tennis e a gymnastica é praticado por ellas constantemente. Em Cambridge, o gymnasio do Radcliffe College é mais desenvolvido e dispõe de aparelhos mais completos do que o gymnasio do Haward College que é uma escola masculina [...].³⁰

O veículo da imprensa que apresenta a nota extraída de algum periódico norteamericano é o jornal *Gazeta de Notícias*, fundado no Rio de Janeiro em 2 de agosto de 1875 para lutar pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. O *Gazeta* teve como uma de suas principais características no início do século XX estar alinhado aos interesses e objetivos do Estado.³¹ Por isso, em relação aos esportes, apresentava visões desde a sua criação que vão se alinhando e, concomitantemente, moldando a perspectiva da sociedade sobre o tema e também sendo moldada por ela, ainda que nem sempre estejam no mesmo prisma. Por exemplo, acerca da educação física e sua utilidade para o desenvolvimento nacional, ele é favorável e exorta que “seus exercícios sejam diários, repetidos e logicamente progressivos”,³² mas isso não significa que advogue, todo o tempo, para qualquer de suas práticas.

Nos últimos anos dos oitocentos não foram incomuns notícias vindas de outros países que enfatizavam aspectos negativos atribuídos a alguns esportes, como o próprio futebol.³³ Por isso, não podemos estranhar a posição apresentada pelo *Gazeta de Notícias* a respeito da visão nos Estados Unidos sobre o futebol de mulheres já em 1903 e que, segundo o texto reproduzido em suas páginas, o via como o único que não deveria ser por elas praticado, haja vista ter sido “substituído por ellas pelo basket-ball; o mais, o rowing, a natção, o golf, o tennis e a gymnastica é praticado por ellas constantemente”.³⁴ Um dos indicativos do posicionamento do jornal contra

³⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³¹ LEAL. Verbete: *Gazeta de Notícias*, FGV.

³² GAZETA DE NOTÍCIAS. 16 ago. 1898, e. 228, p. 2.

³³ Jornais como *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brazil* e *O Paiz* traziam frequentes notícias de práticas esportivas fora do país.

³⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

o ludopédio feminino ocorreu uma década depois, quando no mês de agosto de 1912 ele promoveu a seguinte enquete: “Deve a mulher praticar os sports?” E, em pelo menos duas edições, apresentaram o argumento de um médico e de um sportsman da época sobre o assunto.

A decisão de chamar dois homens para falarem sobre o tema foi justificada por serem eles pessoas com autoridade para tal função, sendo o primeiro o “distinto médico da armada, capitão-tenente Dr. Adhemar Barbosa Romêo”³⁵ e o segundo o “Sr. Américo Portilho, conhecido e distinto rower do Club de Regatas de São Christóvão”.³⁶ O fato de serem ambos do gênero masculino, por exemplo, não foi abordado de forma crítica pelas publicações, ainda que eles tenham se mostrado contrários à prática esportiva pelas mulheres. De acordo com Dr. Romêo, o grande fator negativo para a participação feminina ativa no âmbito esportivo se devia ao fato de quase todos eles exigirem “o esforço dos órgãos fribrosos. E a mulher, pela sua formação meiga e delicada, não pode ter os músculos endurecidos, contrastando com a maciez da sua cútis”.³⁷ Percebemos em sua fala, como dito anteriormente, muito da utilização de argumentos “pseudocientíficos” para referendar um objetivo social de condicionamento de gênero, isto é, colocar as mulheres em um local específico na sociedade brasileira, o que ficou ainda mais explícito quando Adhemar Barbosa apresentou e justificou o único esporte que recomendava ao público feminino:

Assim, vejamos, quaes os “sports” uteis e quais os noçivos. Dentre os primeiros, o mais útil e que auxilia a conformação do [INDECIFRÁVEL], actuando uniformemente sobre o organismo, é a “natação”.

É agradável, salutar e útil. Uma “náíade” é sempre seductora e uma mulher que saiba nadar bem é uma garantia ao lado de um marido a bordo... De resto, a lenda das sereias confirma o que dizemos: quando em seducção se fala, são lembradas logo as nymphas das águas...³⁸

As escolhas das palavras do Dr. Adhemar Barbosa Romêo não poderiam ser mais ilustrativas de como as mulheres eram vistas por alguns homens [provavelmente a maioria] no Brasil da Primeira República, o que nos ajuda a entender as vedações que lhes foram impostas nos esportes. A única atividade que era

³⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

recomendada como passível de ser praticada pelo público feminino, segundo o médico republicano, se devia a sua utilidade ao homem (“garantia ao lado de um marido a bordo”).³⁹ e ao caráter estético e sexual (sedução que relembra às sereias – ninfas, cuja juventude e beleza atraem o público masculino). No que tange aos aspectos higiênicos, o escolhido para falar pelo jornal *Gazeta de Notícias* faz poucos comentários e enfatiza ser a natação útil por não promover nenhum desenvolvimento exagerado em determinada parte do organismo ou corpo feminino, o que, de acordo com ele, não se verificava em outros esportes que causam enfermidades neste segmento:

As “corridas a pé” e as “dansas”, quando não tocam aos extremos da bailarina profissional, apenas prejudicam as mulheres cujo “locus minoris resistentiae” está no pulmão, no coração ou no fígado. Explico-me – as de “fraqueza pulmonar” as “cardiopathas” e as de “insufficiencia hepática”.⁴⁰

O mesmo, por exemplo, não se aplicava ao homem que, portanto, teria um desenvolvimento físico mais compatível a estes tipos de atividades, como, mais uma vez, o entrevistado deixa claro ao, sem apresentar argumentos específicos, apenas afirmar que “a ‘gymnastica’ em geral, o ‘automobilismo’, o ‘foot-ball’, a ‘pella’, o ‘remo’, a ‘petéc’ e a ‘guia de carruagens’, são ‘sports’ exclusivamente destinados ao homem”.⁴¹ E isso por qual motivo? Porque, segundo esta e outras visões do gênero, causavam prejuízo a beleza e a performance das mulheres.

A opinião do esportista Américo Portilho, apresentada dois dias depois a do Dr. Adhemar Barbosa Romêo, não é muito diferente. Embora considere haver “uma igualdade entre eles [homem e mulher], na sua força material e intelectual”,⁴² contraditoriamente, para ele, “não é o homem igual à mulher: o que não discuto, ou melhor, não custa dizer”.⁴³

Sim, não é igual, porque o homem apresenta-se na força physica e moral (comparando) como primeiro ser. Logo, se o homem pode, para necessidade da vida, cultivar os sports, por que razão não pode a mulher, se tem a mesma necessidade?

Ceguei onde esperava e por isso opino que, tanto o homem como a mulher, devem nos praticar, ou melhor, cultural-os.

³⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

⁴⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

⁴¹ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

⁴² GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

⁴³ GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

Se a mulher cultural-los, no seu modo de encarar e de julgar, penso que o seu cutivo deve abranger um certo limite, dela excluindo os sports violentos. [...] Desbanco de sua variedade como prejudiciais e inúteis ao meio feminino, os violentos sports do football, pelota, crickt, cyclismo e outros.⁴⁴

As motivações advogadas pelo Sr. Portilho são semelhantes às do Dr. Romêo e de outros “especialistas” da época. A beleza feminina não compactua com certas alterações em suas estruturas físicas que os esportes modernos são capazes de provocar, mas é possível a elas praticarem certos jogos que acrescentem a sua função na sociedade, as quais, para este entrevistado, são a natação, o remo e a equitação:

Além deste [natação], poderá recorrer ao seu complemento – o remo – cuja ação benéfica em prol dos tecidos musculares se evidencia com as ultimas adhesoes obtidas com sucesso nos pareos femininos de nossas regatas. Como divertimento, possui, além disso, um vasto campo na equitação, denominado o sport da elegância e da ousadia.⁴⁵

A função, portanto, que foi atribuída a mulher no mundo esportivo da Primeira República Brasileira era de complemento a sua atuação social voltada à figura masculina, assim, a prática do esporte seria restrita na maior parte das vezes e, quando permitida, apenas se fosse benéfica a sua função de mãe, esposa, namorada – ou seja, aquela que acompanha alguém do sexo masculino. O *Jornal das Moças*, um dos mais influentes periódicos femininos do século XX, foi outro órgão da imprensa a influenciar este processo.

O *Jornal das Moças* foi criado no século XX, entre os anos de 1914 a 1968, sendo produzido no estado do Rio de Janeiro e distribuído em todo país. Circulava uma vez na semana, sendo vendido em bancas ou entregue pelo correio aos assinantes. Denominado como “revista semanal ilustrada”, possuía em média 75 páginas, apresentando um conteúdo diversificado com informações sobre culinária, dicas de beleza, moda, comportamento, anúncios de produtos, entre outros, com ilustrações, fotos e textos. Voltado especificamente ao público feminino, principalmente, às mulheres de classe média, pois apresentava um custo para sua aquisição, e a maioria era letrada, restringindo assim, o acesso à classe inferior.

O *Jornal das Moças* não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos,

⁴⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

⁴⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

receitas gastronômicas. E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher, o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação (SOARES; SILVA, 2013, p. 2, grifo nosso).⁴⁶

Esta revista era uma das muitas destinadas ao público feminino existentes no Brasil durante o século XX e, como a maioria, ajudou a reforçar o pensamento conservador em relação às mulheres ao exibir conteúdos comportamentais e regras de sociabilidade, “ênfatizando modos de como ser boa mãe e esposa, destacando a submissão ao homem e atribuindo toda a responsabilidade do sucesso ou insucesso do casamento e da harmonia do lar sobre à mulher”.⁴⁷ Aquelas posturas diferentes do modelo-padrão, por sua vez, eram condenadas e reprimidas. O *Jornal das Moças* como publicação imprensa não se destinava a todas as mulheres, mas àquelas com alto poder aquisitivo e, preferencial e majoritariamente, com conhecimento da leitura e escrita.

Neste sentido, o periódico destacava em suas páginas, ainda que não cotidianamente, abordagens sobre os esportes, com destaque para o futebol. A existência e a popularidade do ludopédio não são ignoradas pelo semanário, mas o lugar da mulher neste universo era relativo à atuação do homem e, muitas vezes, conectado a assuntos envolvendo relacionamentos amorosos. Em 1916, por exemplo, pouco tempo depois de dar destaque aos times femininos infantis do América Football Club, esta revista semanal ilustrada relaciona o ato de flertar (denominada de “flirt”) como “um ‘sport’ como qualquer outro. Como se diz, um ‘sportsman’, diz-se também – flirtman – e flirtgirl”.⁴⁸ O local para a prática deste tipo de interação pode ser em qualquer espaço público onde ocorrem interações sociais, sendo um dos destaques dado ao futebol, em cujos “intervalos dos ‘half-times’, um pouco de ‘flirt’ descança e anima”.⁴⁹

Temos, portanto, a ligação do futebol com o público feminino como uma forma criar relacionamentos amorosos, o que insere as mulheres nas arquibancadas como parte do entretenimento que atraem os homens. Isso não significa que elas

⁴⁶ MORAES; MARTELLI. *Jornal das Moças*: as enunciações midiáticas [...], 2017, p. 3-4.

⁴⁷ MORAES; MARTELLI. *Jornal das Moças*: as enunciações midiáticas [...], 2017, p. 17

⁴⁸ JORNAL DAS MOÇAS. 24 ago. 1916, edição n. 62, p. 5.

⁴⁹ JORNAL DAS MOÇAS. 24 ago. 1916, edição n. 62, p. 5.

desconhecessem ou não gostassem desta prática esportiva, pois a disponibilização de ingressos gratuitos por clubes sociais e esportivos, como feito pelo Audax Club em uma de suas festas em 1916, dava direito à “entrada grátis a uma senhorita no Andarah Athletic Club, à rua Prefeito Serzedello Corrêa, 193 – Villa Izabel”,⁵⁰ indicam seu interesse em participar destes eventos.

Naquele mesmo ano, aliás, a revista descreveu os perfis de algumas estudantes normalistas e eventualmente destacou ser a “perfilada grande apreciadora do foot-ball, e está [sic] a par das regras deste interessante jogo, discutindo animadamente sobre os Clubs mais em evidencia, com a experiencia de sportmen consumada”.⁵¹ Também não era incomum o periódico realizar entrevistas com algumas colaboradoras e leitoras sobre suas preferências pessoais e ser enfatizado que para elas o “divertimento predilecto...Foot-ball”.⁵² Não estranha, portanto, o *Jornal das Moças* trazer notícias sobre as partidas e seus resultados no campeonato da Liga Metropolitana.⁵³

No que tange à prática de futebol por mulheres, apesar da já citada participação do time de meninas do América, em 1916, temos dois anos depois uma associação iconográfica sobre os riscos que o jogo de futebol poderia trazer às mulheres quando elas não se colocassem em seu devido lugar: em casa durante o dia, nas arquibancadas em eventos sociais. Caso fugissem à regra, poderiam correr riscos de se machucar.⁵⁴

Há imagens que fazem alusão ao futebol do início da Primeira República no *Jornal das Moças* e que destacam o caráter virulento de sua prática para as mulheres. Como podemos observar acima, a charge publicada em 1918 indica que uma senhora, ao aparecer na janela de sua casa, recebe uma bolada de um dos meninos ou homens que jogavam bola próximos a sua residência.

⁵⁰ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 83, p. 9.

⁵¹ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 85, p. 44.

⁵² JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 92, p. 9.

⁵³ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 102, p. 35.

⁵⁴ JORNAL DAS MOÇAS. 1918, edição n. 145, p. 16.



Santos, ao estudar as imagens veiculadas neste periódico, enfatiza a necessidade de considerar dois pontos que se cruzam na metodologia adotada:

O primeiro será o de utilizar o conceito de “representação” de Roger Chartier a fim de relacioná-lo com as imagens ilustrativas respeitando suas especificidades. O segundo direcionamento nos levará a realizar uma análise comparativa dos discursos apresentados nas revistas ilustradas com as transformações sociais.⁵⁵

Dentro dessa perspectiva, os discursos construídos pelo *Jornal das Moças* na década de 1910 acompanham as transformações na indústria jornalística que, segundo Nelson Sodré,⁵⁶ tem como uma de suas intenções atender a interesses empresariais de se tornar mais atrativo para o seu público com a utilização das artes gráficas (caricaturas, fotografias, desenhos). Ao mesmo tempo, pela abordagem de Chartier,⁵⁷ as representações também podem produzir relações de poder e dominação capazes de influenciar na formação de padrões de comportamento, os quais pelas imagens e discursos escritos veiculados pelo periódico indicam, sobretudo em relação ao futebol, que sua prática pelas mulheres deveria ser evitada, cabendo a elas outras funções mais compatíveis com papel secundário que a sociedade da época lhes dava em relação ao homem.

A atuação das mulheres neste período, portanto, deu-se em grande quantidade, mas não exclusivamente, como “admiradoras do sport bretão, torcedoras”.⁵⁸ tanto que em 1918 o *Jornal das Moças* promoveu um “concurso entre as gentis

⁵⁵ SANTOS. 2019, p. 21.

⁵⁶ SODRÉ. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

⁵⁷ CHARTIER. *A história cultural: entre práticas e representações*, 1988, p. 17.

⁵⁸ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 87, p. 29.

torcedoras do football. Qual a torcedora mais apaixonada?”.⁵⁹ cujas premiações para as três primeiras colocadas indicam bem o que era esperado delas naquela função: o atendimento aos padrões estéticos.

Para a 1ª colocada: 1 rico broche-distintivo do club a que pertencer, em ouro de lei e esmalte. – Para a 2ª colocada: 1 rico estojo para toilette, em prata de lei, - Para a 3ª colocada: 1 valioso estojo de perfumarias COTY. Alem destes premios, as três primeiras colocadas terão suas fotografias publicadas na capa da nossa revista.⁶⁰

Dessa forma, o início do século XX marca a consolidação de uma sociedade brasileira republicana preocupada com o papel da mulher ante ao desenvolvimento esportivo. Se podemos identificar barreiras contrárias à sua participação como praticante e que a colocava como espectadora e parceira de uma figura masculina (“Elle é jogador de foot-ball....Ella é ‘torcedora’ e conhece as regras do ‘Association’...”).⁶¹ também percebemos que houve tentativas de ruptura a este cenário (“Galanteios e Perversidades [...] O que vai pelo Meyer e Todos os Santos. Coisas impossíveis: [...] Julinha faltar ao foot-ball [...]”).⁶² Ou, por outro lado, por haver meninas, mulheres, senhoritas e senhoras jogando o ludopédio em uma sociedade machista que considerava isso impróprio, foram erguidas as barreiras para impedi-las de tal ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um modelo social está longe de ser feita da noite para o dia, exigindo, portanto, certo tempo para que seus postulados básicos sejam tão internalizados pelos agentes envolvidos ao ponto de serem naturalizados. Neste processo, faz-se necessário em diversos momentos reforçar aquilo que se considera essencial e isso não pode ser feito sempre do mesmo jeito, haja vista a necessidade de encontrar formas variadas para se reforçar a mesma mensagem. Assim foi criado o cotidiano da exclusão feminina no futebol brasileiro na primeira metade do século XX, já que a imprensa, com destaque dado ao *Jornal das Moças* e ao *Gazeta de Notícias* neste artigo, colaborou

⁵⁹ JORNAL DAS MOÇAS. 1918, edição n. 145, p. 8.

⁶⁰ JORNAL DAS MOÇAS. 1918, edição n. 145, p. 8.

⁶¹ JORNAL DAS MOÇAS. 07 nov. 1918, edição n. 177, p. 28.

⁶² JORNAL DAS MOÇAS. 07 nov. 1918, edição n. 177, p. 28.

com a construção de discursos variados que tinham em comum o objetivo restringir sua participação, vinculando-a a um espaço específico fora das quatro linhas, mas dentro do campo esportivo, só que subordinada à figura masculina.

Os argumentos elencados que justificavam às vedações para as práticas esportivas femininas foram variados, mas traziam em comum alguns elementos: o pretenso risco à saúde da mulher, o resultado estético que a repetição de movimentos produziria em seus corpos e a incompatibilidade dos desportos com a natureza feminina vocacionada para a maternidade, à fragilidade e à doçura. Tudo isso era reforçado constantemente, seja por meio de depoimentos, palestras ou entrevistas de especialistas (médicos, cientistas) e/ou personalidades importantes no campo esportivo, bem como por meio de notícias, romances, anedotas, charges etc.

Não é surpresa, neste sentido, que em 1941 o Estado Brasileiro promulgue um decreto-lei oficializando o que já se buscava restringir há quase quatro décadas. A legislação aprovada, então, pode ser vista como a conclusão de uma restrição paulatinamente construída em seus anos anteriores e que se fez necessária pela impossibilidade – como também o foi no tempo em que esteve vigente – de proibir completamente o jogo de futebol das mulheres. No presente trabalho, buscamos apresentar os elementos que construíram a exclusão feminina, mas não podemos destacar que enquanto eles eram colocados em jogo, também existem relatos de mulheres praticando esportes, como apresentados no Vila Izabel, em 1912, como o time de meninas do América, em 1916, e no Vasco da Gama, em 1923. Esperamos que no futuro os nossos trabalhos ou os demais possam focar cada vez mais em tornar públicas tais práticas.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das moças**: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945). Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2008.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial; Teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Relume-Dumará, 1996.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Editora UNICAMP, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-53.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

LEAL, Carlos Eduardo. Verbete: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC. Disponível em: <https://bit.ly/46SDEZt>. Acessado em 09 jun. 2022.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-52, 2007.

MORAES, Patrícia Canabarro Coelho de; MARTELLI, Andréa Cristina. *Jornal das Moças*: as enunciações midiáticas e a noção de gênero e imaginário feminino no século XX. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 1-19, 2017.

PESSANHA, Nathalia Fernandes. **Arquibancada feminina**: relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2020.

SANTOS Aline Tosta dos Santos. A construção do papel social da mulher na Primeira República. **Em Debate**, PUC-RJ (on-line), v. 8, p. 1, 2009.

SANTOS, Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos. **A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2019.

SILVA, U. R.; SOARES, D. S. O *Jornal das Moças*: Uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas. In: **Seminário de História da Arte**, 12, Anais eletrônico [...]. Pelotas, RS: UFPEL, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck Sodré. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SWAIN, T. N. A invenção do corpo feminino ou a hora e vez do nomadismo identitário? In: SWAIN, Tânia N. (Org.). **Feminismos: Teorias e Perspectivas. Textos de História**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, vol. 8, n. 1/2. Brasília: UnB, 2000. p. 47-83.

SOUZA, Glauco José Costa. “Uma verdadeira onda de admiradoras”: as imagens das mulheres nas competições suburbana de futebol (1907-1941). In: JANUÁRIO, Soraya Barreto e KNIJNIK, Jorge. (Orgs.) **Futebol das mulheres no Brasil**: emancipação, resistências e equidade [recurso eletrônico]. Recife: Ed. UFPE, 2022, p. 351-377.

Fontes

BRASIL decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

CLUB de Regatas Vasco da Gama. Careta. Rio de Janeiro, p. 16, 1923.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 de agosto de 1898, e. 228, p. 2.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 de março de 1903, edição n. 62, p. 2

GAZETA DE NOTÍCIAS, 23 de agosto de 1912, edição n. 236, p. 6.

JORNAL DAS MOÇAS, Dia Desconhecido do Mês Desconhecido de 1916, edição n. 54, p. 13.

JORNAL DAS MOÇAS, 24 de agosto de 1916, edição n. 62, p. 5.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 83, p. 09.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 85, p. 44.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 92, p. 9.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 102, p. 35.

JORNAL DAS MOÇAS, Março de 1918, edição n. 145, p. 16.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 87, p. 29.

JORNAL DAS MOÇAS, 07 nov. 1918, edição n. 177, p. 28.

MONCORVO FILHO. O Dia das Mães: conferência realizada em 12 out. 1925 no Instituto Nacional de Música (extraída dos Archivos de Assistencia a Infancia) / pelo Dr. Moncorvo Filho. Rio de Janeiro: Empresa Graphica Ed., 1925, p. 4. Disponível em: <https://bit.ly/4tAzmj5>. Acessado em 14 abr. 2025.

Site do América Football Club.

* * *

Recebido em: 15 abr. 2025.
Aprovado em: 16 jan. 2026.